

PROPOSTA DE UMA AULA INCLUSIVA NO ENSINO DE GEOCIÊNCIAS: O CICLO DAS ROCHAS E A CEGUEIRA

Nair Fernanda Mochiutti¹; Rafael dos Santos¹

¹ UFSC

RESUMO: A proposta em questão deriva de um trabalho apresentado à disciplina de Geografia e Inclusão Educacional, ministrada no primeiro semestre de 2011 dentro do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. Tal trabalho deve integrar, juntamente com outras propostas, um livro a ser publicado em breve sobre práticas inclusivas no ensino de geografia. A educação inclusiva representa um processo de reestruturação do sistema educacional com vistas a ampliar a participação de todos os estudantes, sem distinções, no ensino regular. Trata-se de um desafio humanístico e democrático que reafirma o direito constitucional da “educação para todos” e passa pela revolução física e pedagógica das escolas em resposta à diversidade de alunos com necessidades educacionais especiais. Tendo como pano de fundo esta demanda, o objetivo é pensar na construção de uma aula inclusiva para uma turma com alunos cegos, tendo como temática o ciclo das rochas (inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – nos 6º e 7º anos do Ensino Fundamental). A cegueira pode incluir três situações diferentes: “ver mal”, “não ver, mas já ter visto” e “nunca ter visto”. Conhecer estas peculiaridades é essencial para pensar na proposta de aula mais apropriada. Algumas atividades podem facilitar o processo ensino/aprendizagem de um aluno cego ao mesmo tempo em que facilitam este processo para os alunos que enxergam, são principalmente aquelas que exploram o uso do tato e do lúdico. Para tanto, a proposta se divide em três aulas: duas em sala e uma em campo. A primeira aula em sala, além da exposição oral do conteúdo, envolve o uso de amostras de diferentes tipos de rochas (texturas mais realçadas) e simulações simples que ajudem a entender os processos de formação das mesmas (derreter chocolate em barra e resfriá-lo para rochas ígneas; aquecer uma garrafa pet para que se deforme/transforme em alusão ao que acontece com as rochas metamórficas). A aula em campo teria com destino, no caso desta proposta, a Praia da Joaquina (Florianópolis) onde os alunos poderiam ter contato com afloramentos de granito, diabásio e com as dunas (formação das rochas sedimentares). Outros aspectos a serem explorados incluem o intemperismo pela ação das ondas/água do mar, a ação do vento na formação das dunas e também os contrastes entre usos primitivos e atuais dos materiais geológicos (oficinas líticas existentes no local e construções com blocos de granito). Para o aluno cego, além do tato, outras “sensibilidades” ajudam na abstração do que se quer mostrar, como o ruído das ondas, a sensação do vento carregando os grãos de areia, do sol na pele, o cheiro da maresia, etc. A terceira aula constitui um fechamento do conteúdo, aliando as atividades em sala com aquilo que foi apreendido em campo. A proposta aqui apresentada é apenas um recorte de um conteúdo das geociências pensado sob a ótica da educação inclusiva. Uma ideia simples que pode ser adaptada a diferentes contextos geológicos e imbuída de uma reflexão sobre a necessidade de se pensar em alternativas para todos os níveis de ensino.

PALAVRAS CHAVE: EDUCAÇÃO INCLUSIVA, GEOCIÊNCIAS, CEGUEIRA.